



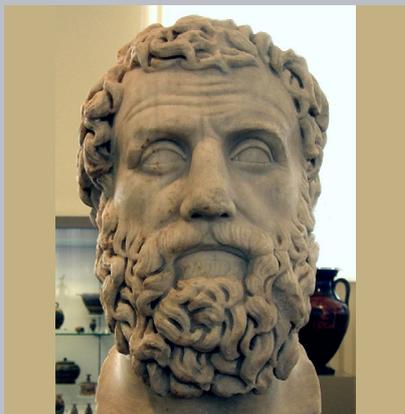
Lekythos: Musa tocando Kithara, 450-440 a.C.

01

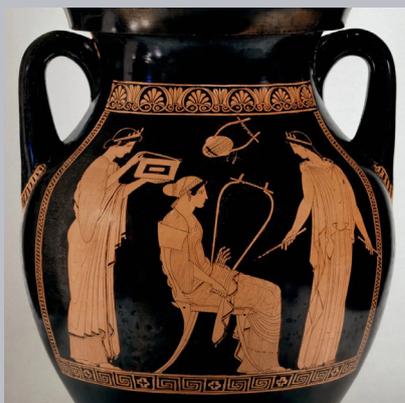
Música na

GRÉCIA ANTIGA

por José Manuel Russo [2004/2022]



Arkhiolos, séc. II a.C. [cópia romana]



Safó ensinando música, pintor de Niobide, ca. 460 a.C.

A música, desde cedo, teve um importante papel na sociedade grega, acompanhando tanto os rituais sagrados como os profanos; acreditava-se que a música possuía poderes divinos sobre a saúde física e a mente humana.

As melodias tradicionais – as *nomoi* – acompanhavam os poemas épicos dedicados aos deuses, em frases curtas que se repetiam, executadas por voz e usualmente por lira ou por aulos, num ritmo de acordo com a métrica das palavras. Embora poucos escritos chegassem aos nossos dias, Arkhilochos de Paros, Tirtaios, Alcman ou Stesichoros foram reputados poetas líricos da época.

A **Pitágoras** se atribui, segundo a tradição, a primeira teoria da música – mediu a altura dos sons e o intervalo entre as notas musicais, cuja harmonia dependia de razões numéricas – ficaram, então, conhecidas os 12 meios tons (ou as 12 notas) actualmente identificados na música ocidental. Também o 1/4 de tom eram utilizado na música (o que só contemporaneamente se explorou). Contrários ao racionalismo de Pitágoras, **Aristóteles** (384 – 322 a.C.) defendia mais a relação da Música com as Emoções da Alma através da percepção sensorial e **Aristóxenes de Tarento**, que ainda definiu as Tonalidades (a ordem melódica dos sons e seus intervalos) e os Ritmos (a ordem da repartição da duração de cada som ou nota musical).

A Melodia grega baseia-se essencialmente em quatro sons (tetracorde), o número de cordas de uma Lira. As escalas (sucessão dos sons musicais) eram lídas da nota mais aguda para a mais grave (ao contrário da actualidade), existindo inicialmente três Modos:

- **Modo Dórico** em Mi MI – RÉ – DÓ – SI (tom – tom – leima [meio-tom])
- **Modo Frígio** em Ré RÉ – DÓ – SI – LÁ (tom – leima – tom)
- **Modo Lídio** em Dó DÓ – SI – LÁ – SOL (leima – tom – tom)

Posteriormente, surgiram quatro Modos secundários (que completam a oitava actual e exactamente com a mesma sequência de intervalos, à excepção do último):

- **Hipodórico** em Lá LÁ – SOL – FÁ – MI (tom – tom – leima)
- **Hipofrígio** em Sol SOL – FÁ – MI – RÉ (tom – leima – tom)
- **Hipolídio** em Fá FÁ – MI – RÉ – DÓ (leima – tom – tom)
- **Mixolídio** em Si SI – LÁ – SOL – FÁ (tom – tom – tom)

Música na GRÉCIA ANTIGA



Dithyrambos por um auletes e sua família perante Dionísio e sua consorte, séc. IV a.C.



Competição entre Apolo e Marsyas, de Praxíteles, séc. IV a.C.



Hetaira e jovens, do pintor de Hefestos, ca. 450 a.C.

A música era parte importante na vida civil e religiosa grega – casamentos, funerais, vindimas, banquetes, sacrifícios, procissões, orações. As cadências de marchas dos soldados, de ginastas ou remadores eram dadas por instrumentos musicais. Assim se criaram formas musicais de acordo com a métrica da poesia, os modos musicais e os fins a que se destinavam.

HIMNOS (ὑμνοζ)

Sendo inicialmente uma canção com fins sagrados ou seculares, evoluiu para uma utilização unicamente religiosa. O canto era acompanhado por uma lira e um coro de vozes situado junto ao altar, num estilo simples, linear e sem ornamentos excessivos. Os Hinos eram cantados durante as Festividades dos Deuses antes do Sacrifício.

PAIAN (παιαν)

Considerada a forma musical mais antiga, estava ligado à adoração de Apolo – o deus patrono da música.

DITHYRAMBOS (διθυραμβος)

Dedicado ao culto de Dionísio, deus das vindimas, eram canções orgíacas e estão na origem da Tragédia e ou Líricas populares. Nestas peças, os coros executavam danças miméticas vivas e entusiásticas. A lira junta-se ao aulos que toca no adequado modo Frígio ou Hipofrígio.

NOMOS (νομοζ)

Seriam provavelmente simples melodias para a lira ou para o aulos.

ADONIDIA (αδωνιδια)

Eram cânticos cantados por mulheres ao deus Adónis, simbolizando a beleza da natureza.

IOBACCHOS (ιοβακχος)

Eram cantados nos sacrifícios e festividades de Dionísio e carregados da insolência do deus.

HYPORCHEMA (υπορχημα)

Oriunda de Creta, eram canções e danças tocadas no modo Frígio e Dórico.



Auletes (música de Aulos), séc. V a.C.



Tocador de Salpinx e de Hydraulis, Alexandria, séc. I

Aerofones (instrumentos de sopro)

AULOS (αυλος)

O mais importante instrumento de sopro da Grécia Antiga, era usado nas cerimónias de Dionísio, paradas, jogos, palestras, etc.

Consistia em um ou dois tubos abertos de madeira, com palheta num dos extremos e 3 a 5 orifícios lateralmente (sendo 6 no séc. V a.C.). Os sons emitidos podiam ser em uníssono (a mesma nota) ou em harmonia (duas notas diferentes).

PLAGIAULOS (πλαγιαυλος)

Semelhante ao Aulos, a embocadura era colocada de lado. Feita em madeira de Lotus, a sua origem é atribuída aos Líbios. Existia também uma versão com saco de ar, o **Askaulos**.

SALPINX (σαλπιγγα)

Trompeta rectilínea feita de cobre, com embocadura em osso, era usado para chamadas de guerra ou mensagens. De acordo com o pavilhão em forma de sino, emitiam diferentes sons.

SYRINX (συριγξ)

Conhecida actualmente como Flauta de Pan, era constituída por 7 tubos de dimensão crescente. Fechados numa das extremidades, o som era emitido pelo sopro na abertura superior da cana. Sendo uma flauta pastoril, o seu som, doce e leve, era limitado ao registo agudo.

Krouomena (instrumentos de percussão)

TYMPANON (τυμπανον) – tambor

KROTALA (χροταλα) – estalo ou castanholas

SISTRON (σειστρον) – sistro

KYMBALA (χυμβαλα) – címbalo

Instrumentos com alguma semelhança aos da actualidade, eram utilizados na marcação dos ritmos de dança, sobretudo, nas cerimónias a Cybele e a Dionísio.



Apolo tocando Chelys, atrib. a Pistozenos, séc. V a.C.



Ânfora Panatenaica: Músico com uma Kithara, 500-485 a.C.

Cordofones (instrumentos de cordas)

CHELYS (χελυς)

O mais utilizado da família das liras, é tocado por Apolo e em cenas da vida quotidiana. A sua construção consiste numa caixa de ressonância (para amplificar o som) feita de carapaça de tartaruga coberta com uma pele, dois braços de corno de cabra, um travessão a unir os dois extremos e onde se enrolam as sete cordas em tendão de carneiro e um cavalete de cana preso entre a caixa de ressonância e as cordas. As cordas podiam ser dedilhadas (com os dedos) ou percutidas com um plectro (feito de corno, osso, marfim ou metal).

KHITARA (χιθαρα)

Semelhante à cítara, era de maiores dimensões que o chelys. A caixa de ressonância, em madeira, possuía uma forma mais quadrangular e decorativa. Era tocada com um plectro e apenas em cerimónias religiosas.

PHORMINX (φορμιγξ)

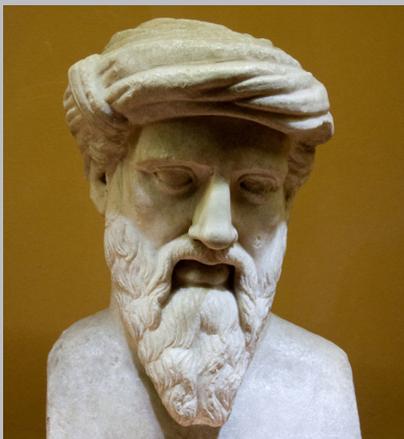
Instrumento de constituição entre a lira e a kithara, possuía duas a sete cordas.

TRIGONON (τριγωνον)

Instrumento da família das harpas cujo nome se deve à sua armação de três elementos rectilíneos em forma triangular. Apesar de possuir muitas cordas, no essencial, era tocada como a lira. Existiam outros instrumentos desta família, como o **Pektis**, cuja armação era constituída por um elemento recto e outro curvo, e o **Magadis** que eram mais frequentemente percutidos com o plectro.

PANDURA (πανδουρα)

Semelhante ao alaúde, a Pandura possuía apenas três cordas. Teria sido importado do Egipto ou da Suméria após as conquistas de Alexandre, o Grande, período após o qual se tornou muito popular. Com a mesma estrutura deste instrumento, existia o **Skindapsos** que era constituído por quatro cordas.



Pitágoras, séc. I-II a.C. [cópia romana]



Pitágoras, in *Theorica musicae*, de Franchinus Gaffurius, 1492

Pythagoras de Samos [Πυθαγορας ο Σαμιος]

- ca. 570 a.C. – Nasce na ilha de Samos;
- ca. 535 a.C. – Terá estudado no Egipto e outras regiões do Médio Oriente;
 - Em Samos, funda uma escola, conhecida como Semicírculo;
 - Casa-se com Theano de Creta, de quem teria tido 3 filhos;
- ca. 530 a.C. – Muda-se para Crotona, Magna Grécia;
 - Funda uma escola de inspiração ascética;
- ca. 495 a.C. – Morre em Metaponto.

Pitágoras de Samos ou simplesmente **Pitágoras** foi um importante pensador grego, quer na filosofia, como na matemática, na música ou na astronomia.

Ficaram para a História o *Teorema de Pitágoras*, o *Teorema das Proporções*, os 5 sólidos regulares, o sistema de afinação musical, a esfericidade da Terra ou a descoberta do planeta Vénus.

No âmbito da música, Pitágoras estabeleceu a relação entre as notas musicais e as equações matemáticas, provavelmente quando ouviu o bater dos martelos dos ferreiros nas bigornas – p.e. que um martelo de 2 kg e outro de 1,5 kg (4:3) produziam um intervalo de 4ª perfeita.

Recorrendo ao *Monocórdio*, uma corda esticada apoiada em dois pontos, Pitágoras descobriu que, ao ser dividida em determinadas proporções, obtinha as notas musicais – no início, soaria a nota fundamental; dividindo a meio, soaria uma oitava acima; a divisão a um terço daria uma quinta enquanto a um quinto obteria uma terceira em relação à fundamental. Com as sucessivas divisões, Pitágoras construiu os 12 tons musicais que compõem uma oitava.

As razões de $1/2$, $2/3$ e $3/4$ da frequência de um som, correspondentes à 8ª, à 5ª e à 4ª, constituíam os Intervalos de Pitágoras fundamentais – considerando que a sua execução simultânea produzia sons agradáveis, ao contrário dos sons baseados em razões mais complexas.

A despeito dos seus princípios teóricos racionalistas, Pitágoras, acreditava que a psique humana era afectada pelo poder do som – cujos efeitos eram praticado em santuários, como o de Asclepios, em Olímpia.

Música na GRÉCIA ANTIGA



Aristoxenus, gravura de Guglielmo Morghen



Elementa Harmonica, manuscrito de 1296, Roma

Aristoxenus de Tarantinos [Αριστοξένος ο Ταπαντινός]

- ca. 354 a.C. – Nasce em Tarantinos (actual Taranto), Magna Grécia;
 - Estuda com Lamprus de Atenas e Xenophilos;
 - Em Atenas, estuda com Aristóteles;
- ca. 322 a.C. – Activo até esse ano;
- ca. 300 a.C. – Morre em Atenas.

Aristóxenes de Tarento foi um matemático, filósofo e teórico da música cujos ensinamentos deixou escritos em cerca de quatrocentos e cinquenta e três livros, na sua maioria perdidos.

Seguindo os ensinamentos Aristotélicos, Aristoxenus, sob um ponto de vista empírico, afirmava que os intervalos musicais não deviam ser julgados por proporções matemáticas, mas sim pelo ouvido – devendo os princípios da música serem apreendidos pela percepção.

No âmbito da teoria musical escreveu três livros – Αρμονικα στοιχεια (*Elementa Harmonica*, em latim) – onde definiu o sistema *Tonal* (συστημα), a ordem melódica dos sons, e dos seus intervalos (διαστημα) e um outro sobre os Ritmos (*Elementa rhythmica*).

Criou uma unidade de intervalo – o *tom* (τονος), que hoje denominamos *tom inteiro* – cuja divisão em partes iguais formavam o meio tom, o terço de tom, quarto de tom, etc. Por experimentação de audição tradicional, garantia que os intervalos produzidos pelas consonâncias (oitava, quinta, quarta) fossem múltiplos do meio tom. Na sua teoria, também definiu a noção de diatónico, cromático e enarmónico.

Distanciando-se da visão de Pitágoras, Aristoxenus, na verdade, procurava comprovar o que já aquele matemático se apercebera na subordinação da música à aritmética – a existência de sons menos agradáveis. Assim, seria pelo ouvido que os modos musicais deveriam ser afinados.

Note-se que actualmente os intervalos musicais não correspondem exactamente aos definidos por Pitágoras, cuja teoria, apesar de tudo, foi seguida até ao Renascimento.

Sobre o ritmo, definiu uma unidade de tempo indivisível – duração prima (πρωτος χρονος) – base da composição rítmica ao nível da fala, do canto e do movimento corporal.



Pan ensinado Daphnis a tocar flauta, ca. 100 a.C. [c. romana]

A origem das palavras

A palavra **MELODIA** tem origem na palavra grega **melos** (μελος), que na época de Homero designava Canção – consistia em três elementos: palavra, melodia e ritmo.

Mitologia

PAN, filho de Hermes e de Dryope, era o deus da natureza selvagem, protector dos pastores e dos rebanhos, sendo associado à fertilidade e à estação da Primavera. Meio homem, meio animal – possuía chifres, cauda e pés de cabra – era adorado na Acádia e os rituais aconteciam na natureza ou em grutas.

Diz a mitologia que Pan, um dia, se apaixonou por Syrinx, uma ninfa dos bosques da Acádia, filha de Ladon, o deus-rio.

Mesmo sendo um deus, como já se viu, os atributos de Pan não primavam pela beleza.

Syrinx, receosa dos avanços de Pan, pediu ajuda a Zeus – que a livrasse desses indesejados avanços. Então, quando Pan dela se aproximou, Zeus transformou-a numa cana.

Cheio de raiva e frustração, Pan partiu a cana em bocados e, quando se apercebeu que estava a quebrar o corpo da ditosa ninfa, desatou a chorar e a beijar, um a um, os bocados de cana. Ouvindo os sons produzidos pelos sopros nas pequenas canas, Pan construiu a sua flauta com os diversos tubos de comprimentos diferentes.



Partenon, Acrópole de Atenas, 447-432 a.C.



Doriforos e Apoxiomenos [cópias romanas]



Teatro de Epidauro, séc. IV a.C.

A Arte Grega, seja na arquitectura, na escultura ou na pintura, é conhecida pelos seus ideais de beleza. Ideais racionalistas, onde as dimensões das formas obedeciam a determinadas proporções, dando origem aos Cânones (ou seja, regras):

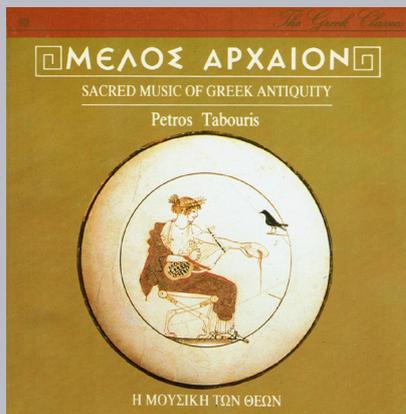
- **Secção Áurea** ou **Rectângulo de Ouro** – a fachada do icónico Parténon, uma obra de Ictino e Calícrates e escultura de Fídeas, infelizmente muito destruído em guerras recentes, a razão entre a altura e a largura é de 1 para 1,618; também no Pentagrama se observa essa relação.
- **Cânone de Policleto** (Πολυκλειτος, ca. 490 – 417 a.C.) – observe-se o *Doriforos* (O Portador de Lança), ca. 450-440 a.C., cuja altura corresponde à dimensão de 7 cabeças, imprimindo ao herói uma harmonia inexistente nos anteriores *Kouroi* (jovens) arcaicos;
- **Cânone de Lisipo** (Λυσιππος, ca. 390 – 300 a.C.) – observe-se o *Apoxiomenos* (O Raspador), ca. 330 a.C., cuja altura corresponde à dimensão de 8 cabeças, tornando o corpo do atleta mais elegante e harmonioso.

Também a música foi «construída» em obediência a determinadas regras que só a razão consegue determinar – a Escola de Pitágoras observou as relações matemáticas nas propriedades do som e do ritmo e mesmo a Escola Aristotélica, que defendia o primado do espírito, não foi capaz de fugir a este racionalismo ditado pela escola pitagórica.

A importância da música na vida dos gregos foi amplamente representada na cerâmica de figuras negras e de figuras vermelhas e na escultura em cenas do quotidiano ou da mitologia.

Na arquitectura, a construção de grandes teatros ao ar livre proporcionava espaços dedicados à representação dramática, onde a música era uma componente indissociável, e a sua adaptação à orografia do terreno evidenciava preocupações acústicas.

Em particular, no santuário de Epidauro, dedicado a Asclepios, deus da medicina, o teatro, com uma capacidade de 13.000 a 14.000 espectadores, possuía quase todas as características de uma sala da actualidade – palco (orquestra), proscénio, cenário, maquinaria, bastidores, etc. – onde as performances teatrais, com música, canto e jogos, teriam efeitos curativos sobre os doentes, mental e fisicamente.



υμνος

παιαν

διθυραμβος

νομος

αδωνιδια

ιοβακχος

υπορχημα

A reprodução da música da Grécia Antiga baseia-se nos poucos fragmentos musicais até hoje descobertos e na vasta teoria escrita pelos pensadores gregos. São também preciosas as tradições musicais que, por vezes, muito próximas das suas raízes ancestrais, dão igualmente um importante contributo para a sua reconstituição.

O trabalho desenvolvido por **Petros Tabouris** é um exemplo dessa pesquisa, em que se apresenta um conjunto de peças não só de fragmentos musicais originais como de música baseada em textos gregos antigos.

Música Sacra da Antiga Grécia

- Primeiro Hino Déléfico a Apolo *
- Korivantes (dança)
- Segundo Hino Déléfico a Apolo *
- Telesias
- Hino à Musa *
- Hino ao Sol, de Mesomedes de Creta *
- Lamento de Tecmessa *
- Gigras (dança)
- Hino a Nemesis, de Mesomedes de Creta *
- Contrapollinopolis, Fragmento instrumental *
- Aulos

Aulites

direção de Petros Tabouris

* Música de fragmentos originais

Música na GRÉCIA ANTIGA



BIBLIOGRAFIA

- BERNSTEIN, Leonard** – *CONCERTO PARA JOVENS*, Pub. Europa-América, Lisboa, 1971
- GALWAY, James** – *A MÚSICA NO TEMPO*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1983
- HENRIQUE, Luís** – *INSTRUMENTOS MUSICAIS*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1988
- HINDLEY, Geoffrey** (ed.) – *THE LAROUSSE ENCYCLOPEDIA OF MUSIC*, Hamlyn, London, 1978
- JANSEN, H. W.** – *HISTÓRIA DA ARTE*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972
- ROBERTSON, Alec; STEVENS, Denis** (ed.) – *HISTORIA GENERAL DE LA MÚSICA 1*, Ediciones Istmo, Madrid, 1972
- SPENCE, Keith** – *O LIVRO DA MÚSICA*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1980
- STEPHAN, Rudolf** – *MÚSICA*, Editora Meridiano, Lisboa, 1978
- TABOURIS, Petros** – *ΜΕΛΟΣ ΑΡΧΑΙΩΝ Η ΜΟΥΣΙΚΗ ΤΩΝ ΘΕΩΝ*, S.M.P., Atenas, 1993

IMAGENS DO AUTOR

- PARTENON*, 447-432 a.C., Acrópole, Atenas, 1993
- TEATRO DE EPIDAURO*, séc. IV a.C., Santuário de Asclepio, Epidauro, 1993

Textos e compilação musical de José Manuel Russo
para a Exposição do Departamento de Artes Visuais e Técnicas, 2004